



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

ANA FLÁVIA DA SILVA SOUSA

A HORA DA ESTRELA E A ESTRELA DE SETE PONTAS: TRAÇOS DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ÚLTIMO ROMANCE DE CLARICE LISPECTOR

**CAMPINA GRANDE
2024**

ANA FLÁVIA DA SILVA SOUSA

A HORA DA ESTRELA E A ESTRELA DE SETE PONTAS: TRAÇOS DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ÚLTIMO ROMANCE DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Literário e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725h Sousa, Ana Flávia da Silva.

A hora da estrela e a estrela de sete pontas [manuscrito] : traços do jornalismo literário no último romance de Clarice Lispector. / Ana Flávia da Silva Sousa. - 2024.
19 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Jornalismo literário. 2. Gêneros narrativos. 3. A hora da Estrela. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ANA FLÁVIA DA SILVA SOUSA

A HORA DA ESTRELA E ESTRELA DE SETES PONTAS: TRAÇOS DO
JORNALISMO LITERÁRIO NO ÚLTIMO ROMANCE DE CLARICE LISPECTOR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Jornalismo da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Bacharela em Jornalismo

Aprovada em: 14/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Ada Kesea Guedes Bezerra** (***.398.594-**), em **27/06/2025 11:13:14** com chave **dd841272536011f0b04306adb0a3afce**.
- **Jurani Oliveira Clementino** (***.257.793-**), em **27/06/2025 10:45:15** com chave **f478a474535c11f087cc2618257239a1**.
- **Rafael de Araújo Mélo** (***.071.504-**), em **27/06/2025 10:47:21** com chave **3fa79e14535d11f0b43e06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 30/06/2025

Código de Autenticação: 72c365



“A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela.”

Clarice Lispector

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JORNALISMO LITERÁRIO	6
2.1	JORNALISMO DE CAUSAS COLETIVAS.....	8
2.2	HAIA PINKASOVNA OU CLARICE LISPECTOR.....	10
2.3	O JORNALISMO LITERÁRIO EM “A HORA DA ESTRELA”	12
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
	REFERÊNCIAS	17

A HORA DA ESTRELA E A ESTRELA DE SETE PONTAS: TRAÇOS DO JORNALISMO LITERÁRIO NO ÚLTIMO ROMANCE DE CLARICE LISPECTOR

Ana Flávia da Silva Sousa*

RESUMO

O presente artigo concentra-se em investigar a possível convergência entre jornalismo e literatura, analisando como essas áreas podem dialogar na composição de enredos. O objetivo é analisar e relacionar as características do jornalismo literário presentes no romance de Clarice Lispector “A hora da estrela”, e mostrar como Jornalismo e Literatura podem estar interligados quando o assunto é construir narrativas. O estudo convoca o leitor a refletir a proximidade entre essas duas áreas do conhecimento e como atuam absorvendo um ao outro. O romance foi publicado em 1977 pela editora Rocco e mesmo após 47 anos de lançamento a temática apresentada ainda possui forte presença na sociedade, e o legado da escritora, permanece mais vivo do que nunca. A romancista apresenta uma obra com elementos literários que já fazem parte da marca que construiu. Porém, nesta narrativa atrelada ao jornalismo, narra a ficção se amparando no real e se faz presente na história através de vários elementos sutis de sua própria trajetória de vida. Utilizando da revisão bibliográfica e análise de conteúdo, o estudo é analisado sob a ótica de Lima (2009); Pena (2006), e outros autores que agregaram suas respectivas colaborações a este tema.

Palavras-Chave: jornalismo literário; gêneros narrativos; a hora da estrela.

ABSTRACT

This article focuses on investigating the possible convergence between journalism and literature, analyzing how these areas can interact in the composition of plots. The objective is to analyze and relate the characteristics of literary journalism present in Clarice Lispector's novel “A hora da estrela” (The Hour of the Star), and to show how Journalism and Literature can be interconnected when it comes to constructing narratives. The study invites the reader to reflect on the proximity between these two areas of knowledge and how they act to absorb each other. The novel was published in 1977 by Rocco and even after 47 years of its release, the theme presented still has a strong presence in society, and the writer's legacy remains more alive than ever. The novelist presents a work with literary elements that are already part of the brand she built. However, in this narrative linked to journalism, she narrates fiction based on reality and is present in the story through several subtle elements of her own life trajectory. Using bibliographical review and content analysis, the study is analyzed from the perspective of Lima (2009); Pena (2006), and other authors who added their respective contributions to this theme.

Keywords: literary journalism; narrative genres; the hour of the star.

1 INTRODUÇÃO

Quando os seres humanos enfim alcançaram um patamar mais elevado de comunicação através da fala, línguas foram desenvolvidas em todo o mundo, histórias e relatos começa-

* Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I. Endereço eletrônico: anaflaviadssousa@gmail.com.

ram a ganhar vida, e a ação mais poderosa que existe entre as pessoas, que é a de compartilhar informações, trouxe o homem até aqui. Com a comunicação nasceram as narrativas, e das narrativas surgiram o Jornalismo e a Literatura.

Atraídos para as redações jornalísticas com o intuito de crescer no universo literário, escritores de diversos lugares do mundo foram os responsáveis por unificar os conceitos de Jornalismo e Literatura em Jornalismo Literário, antes popularizado devido a essa forte presença dos escritores na imprensa, e posteriormente resgatado como uma forma de escape ao Jornalismo convencional. O Jornalismo lapidou autores, cronistas, e romancistas, entre eles Clarice Lispector, cujos adjetivos não medem a dimensão que teve o trabalho da escritora em vida.

Equilibrando-se no melhor dos dois mundos e deixando rastros de personalidade em tudo que se propunha a fazer, Clarice se consagrou como uma das escritoras mais renomadas da Literatura brasileira de todos os tempos. As produções, com elementos estilísticos e narrativas profundas, abrem espaço para a exploração da influência do Jornalismo sobre a escritora mesmo em narrativas literárias. Dito isso, este artigo pretende investigar a existência de traços do Jornalismo Literário no romance “A hora da Estrela” de 1977.

Clarice é originária da Ucrânia, chegou no Brasil como refugiada de guerra quando ainda era um bebê. O talento para a literatura despontou desde a infância quando já escrevia textos e enviava rotineiramente a sessão infantil de um jornal pernambucano¹, mesmo que nenhum texto nunca tivesse sido publicado. Começou a carreira na comunicação aos 20 anos trabalhando como redatora e repórter em 1940, três anos antes do lançamento do primeiro livro “Perto do Coração Selvagem”. Colaborou com o Jornalismo do País até o ano em que morreu e ainda assim o fato de Lispector ter tido outra profissão que conciliava com a de escritora ainda é novidade para muitos.

A presente pesquisa tem de início uma revisão cronológica do surgimento e disseminação do Jornalismo Literário ao redor do mundo, continua no segundo tópico com as características que fazem do gênero o fenômeno que ele é exemplificado através da “Estrela de Sete Pontas” de Felipe Pena. A terceira seção traz um resumo de quem foi Clarice Lispector e suas particularidades enquanto escritora e jornalista. No quarto e último ponto, temos uma análise comparativa de trechos do livro que se encaixam com conceitos abordados por Felipe Pena (2006) e Pereira (2009) sobre o que seria Jornalismo Literário.

Este estudo de caráter qualitativo terá como técnica norteadora a revisão bibliográfica juntamente a análise de conteúdo, considerando dois autores da área do Jornalismo com foco em Jornalismo Literário, Pena (2006) e Pereira (2009). Lispector (1977) é tomado como objeto de análise, acompanhado de escritos publicados pela autora ao longo da vida reunidos em Lispector (2004), que facilitarão o entendimento dos leitores no tema a ser estudado.

2 JORNALISMO LITERÁRIO

Nascidos em uma era longe de categorias e classificações, o Jornalismo e a Literatura passaram anos coexistindo sem nenhuma diferenciação, unidos e empenhados apenas à arte de narrar. Porém, quando distinguir ficção de realidade se tornou uma tarefa crucial para os estudiosos da época, uma discussão que perdura até os dias atuais sobre a delimitação de ambos passou a ser travada, como se Jornalismo e Literatura não pudessem coabitar na mesma obra ou estimular um ao outro.

Provando o contrário, a literatura de um lado utilizando de recursos jornalísticos para narrar mais fielmente a ficção, e o Jornalismo do outro recorrendo a elementos literários para

¹ **Diário de Pernambuco** é o jornal mais antigo em circulação na América Latina, com sede em Recife, Pernambuco.

relatar o real de forma rica e artística, se unem em um processo simbiótico que pode ser chamado então de Jornalismo Literário. Nomes como Pereira (2009) e Felipe Pena (2006) colaboram com suas análises de entendimento sobre as características e singularidades desse gênero.

Sem possuir data exata de surgimento, indícios de Jornalismo Literário já podiam ser encontrados em escritos que marcam o início da transmissão de informações no Egito antigo, por volta de três mil anos atrás, quando as notícias apresentavam não apenas um caráter noticioso, como narrativo, de acordo com os estudos realizados por Gustavo Castro (2010) poeta, escritor e jornalista, em sua pesquisa “Jornalismo Literário uma introdução” onde ele explora as raízes dessa narrativa.

Com esse misto de informação e literatura, transmitido ao povo através de inscrições em papiros ou nas pedras, com esses relatos de notícias efêmeras comunicadas pelo viés da novela, chamadas Konigsnovelle (Novelas Reais), que encontramos nas escavações e museus ainda hoje, podemos dizer que nasce o jornalismo literário, há cerca de três mil anos, no Egito” (Castro, 2010, p. 18).

O novo gênero viajou entre eras, foi ganhando forma mediante as influências recebidas ao longo dos anos por conceitos como realismo social e o *new journalism* americano, até se concretizar como a confluência de jornalismo e literatura, em uma época em que a literatura não poderia estar mais inserida nos meios de comunicação. Tomando conta das redações ao redor do mundo, os escritores e estudiosos de letras em busca de dinheiro, um nome de prestígio, e visibilidade para os seus textos, ditaram por um período o rumo da imprensa e foram aos poucos se tornando jornalistas, em um espaço que os consagrou responsáveis por implementar fortemente nos jornais a literatura da época. Como destaca Pena (2006), foi justamente no século XIX que a influência da literatura no Jornalismo tornou-se mais visível. O casamento entre a imprensa e os escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos, promovendo o início da carreira de grandes nomes da literatura, como Machado de Assis, José de Alencar e Manoel Bandeira.

O *new journalism*, corrente disseminada por Tom Wolf e popularizada por Truman Capote com “A sangue Frio” em 1965, saiu do berço da América para influenciar o veículo pioneiro em Jornalismo Literário no Brasil. As páginas da revista Realidade além de precursoras desse novo gênero no país, também serviram de ponte para o primeiro contato da sociedade com a escrita de jovens autores, como foi o caso de Clarice Lispector. A revista Realidade (1966-1976) lançada pela Editora Abril que circulou durante exatamente dez anos no Brasil, foi um dos meios de comunicação que mais chamou atenção por implementar formas diferentes de se fazer notícia.

Fugia do modelo primitivo de objetividade requerido pela imprensa, unia a produção de conteúdo jornalístico com as manifestações sociais e culturais da época ditatorial em que o país se encontrava, e ascendeu como uma das maiores revistas do século XX. A revista entrevistava “gente comum”, procurava mostrar o desenrolar dos fatos sobre os problemas que eram permanentes na sociedade e influenciavam de forma direta no funcionamento do país.

Realidade quer desvendar também como se fazem as coisas - a telenovela, o jornal de todo dia, o preparo dos campeões de boxe na academia, a corrida contra a morte no pronto-socorro do grande hospital. Fala do candomblé e da parteira, do torcedor da arquibancada e do jogador de sinuca, mas também dá voz ao cardiologista e ao cientista, ao indigenista e ao matemático moderno (Pereira, 2009, p. 225).

É essa profundidade que o Jornalismo Literário prioriza, a que mostra que o comum também pode ser extraordinário, é o que promove tamanho apreço dos leitores para com o gênero, visto que, como disse Castro (2010, p. 11) “O Jornalismo Literário pode ser encontra-

do na própria necessidade humana de contar, conversar, dissertar e mitificar, logo são métodos bem trabalhados, mas familiares ao mesmo tempo, motivo esse que popularizou os cadernos de literatura, os contos em revistas, e as crônicas nos jornais”. As pessoas gostaram de permitir imergir em uma narrativa, ouvir histórias que estão presentes no seu dia a dia, mas de formas nunca contadas antes, esperar a continuação de uma trama no folhetim, que inclusive, por ter uma linguagem simples e acessível para todas as classes, alcançou muitos leitores e ficou conhecido como democratizador da cultura.

Inspiração para as telenovelas que viriam a seguir, o Folhetim, que segundo Pena (2006) tinha como objetivo a lágrima melodramática e o riso fácil, entregava textos de alta qualidade e simbolizou os anos de ouro da literatura, tanto é, que se tornou a marca da compatibilidade entre Jornalismo e Literatura aquele tempo, elevando autores para uma carreira com um futuro próspero.

Começam unidos através da escrita, afastam-se quando o Jornalismo se torna a galinha dos ovos de ouro do capitalismo e estabelece novas configurações com características limitadoras para a literatura. Intersectam-se novamente quando a necessidade de se reinventar bate novamente a porta, assim voltam a beber um da fonte do outro nessa busca por crescer dominando outras particularidades. Caminhando entre os limites de realidade e ficção é um sistema inovador que sai das penumbras dessa união, com o livro-reportagem o Jornalismo Literário sai do anonimato e começa a receber a atenção que merece.

2.1 JORNALISMO DE CAUSAS COLETIVAS

Estamos inseridos no mundo em uma realidade onde transformações ocorrem a todo momento, e os processos que conhecemos estão sempre em um ciclo infinito de mutações das quais devemos estar prontos para receber. Entre esses processos, está o Jornalismo, que desde a grande imersão da literatura na imprensa ainda no século XIX, agregou como também dispôs diversas características até resultar o subgênero de Jornalismo Literário que conhecemos atualmente.

Felipe Pena (2006) Jornalista, Romancista e Pesquisador, aborda no início de seu livro “Jornalismo Literário” a existência de uma cegueira ética na humanidade que afeta também o Jornalismo. Em um mundo onde a lógica capitalista implanta o pensamento de que tempo é dinheiro, e notícias diretas e ágeis devem ser o modelo base a ser seguido, as empresas conseguiram transformar os meios de comunicação e as mídias sociais em veículos comunicacionais tão diretos e fechados, que o Jornalismo Literário quando dedica um pouco mais de atenção a um assunto comum ao povo, logo é reconhecido como um Jornalismo de causas coletivas, que como defende Pena (2006), deveria ser seu único propósito desde sempre.

Empenhado em desmistificar e entender de forma mais prática os conceitos de Jornalismo Literário, Pena debate as características desse novo gênero através do que ele chama “Estrela de Sete Pontas”, que com exemplos concisos e bem descritos apresentam os aspectos atribuídos ao jornalismo Literário de forma clara e precisa, ela se torna, assim, uma das duas 'estrelas' centrais da pesquisa, sendo a outra Macabéa, que será apresentada posteriormente.

A estrela de sete pontas, é nada mais nada menos do que a representação das características do Jornalismo Literário em tópicos, ou por se tratar de uma estrela, em pontas. As primeiras pontas deixam de forma clara que o jornalismo literário é uma vertente tão comprometida ao trabalho sério e bem-produzido quanto o jornalismo tradicional, não abandona as técnicas da redação, apenas as **potencializa**. Livre das condições impostas pelos veículos de comunicação, o repórter literário **ultrapassa os limites do cotidiano** e faz com que a data do ocorrido a ser trabalhado deixe de ser um fator importante, facilitando para que assim o repórter se envolva e trabalhe a notícia de tal forma que consiga proporcionar uma visão am-

pla do fato, uma **visão ampla da sociedade**, com ética, respeito e solidariedade, instigando sempre o leitor a **exercitar a cidadania**.

As últimas pontas trazem o foco para a contextualização da notícia, que deve ser feita de forma rica e didática **sem seguir o modelo clássico do: “Quem, Quando, Onde” do lead**, mas que apresente os elementos e informações necessárias para o público da mesma forma. Apresentam também, a importância de expor na notícia, da estrela de cinema ao figurante do filme, em busca de **evitar os definidores primários**, que são aquelas pessoas óbvias e sempre procuradas em qualquer ocorrido. Abre espaço para novas vozes, que são imortalizadas no jornal, fazendo da matéria o que ela nasceu para ser, memorável e condizente ao conceito de **perenidade**.

Durante o aprendizado recebido na faculdade de Jornalismo, ou em cursos com habilitação em comunicação, existem requisitos que aprendemos como primordiais para a produção de boas notícias, matérias, reportagens, e tudo que envolva a comunicação. Temos de levar em conta uma apuração rigorosa dos fatos, deter a capacidade de se expressar de forma clara, e manter uma observação atenta aos elementos que podem compor a notícia, Pena trás esses requisitos na primeira ponta de sua estrela, condena jogar todas essas habilidades no lixo, influencia a trabalhá-las de tal forma que novos métodos possam surgir.

Porém, na realidade em que vivemos, onde as chamadas “*Fake News*” tomaram proporções inimagináveis nos últimos anos no Brasil, a apuração de forma rigorosa aliada a checagem de fatos foram um dos critérios que salvaram o País em um dos momentos mais frágeis da humanidade, entre os anos de 2020 e 2021. Dito isto, o Jornalismo Literário por fazer conexões com a literatura em seu momento de produção, pode ser muito questionado pelo público que o recebe acerca da veracidade dos fatos, que por serem escritos com uma riqueza tão grande de elementos podem parecer até de mentira. Desta forma, se até o Jornalismo Convencional pode ter perdido credibilidade após esses acontecimentos, o Literário que desde sempre fora questionado pode entrar em uma posição ainda mais fragilizada.

Contudo, até que ponto a realidade é retratada de forma exata, já que até o momento final da produção de uma notícia são adicionados ou feitos recortes no conteúdo de acordo com a percepção de quem os fez, ou seja, o que vai sair para o público tecnicamente já é um retrato da realidade um pouco modificado, isso tanto para o Jornalismo convencional como para o literário, então questionar a utilização de elementos literários que são atribuídos a fim de enriquecer o Jornalismo não parece justo, e é um tema que cada vez mais deve ser trabalhado para que assim, os novos métodos que vierem a surgir, possam prosperar.

A segunda e a terceira ponta da estrela estão conectadas. Em contrapartida do que fora mencionado anteriormente das complicações que o modelo base objetivo do jornalismo contemporâneo trouxe e vem trazendo para a sociedade, temos o jornalista literário, que não sofre da pressão de entregar mais de três conteúdos por dia e logo, fica livre para produzir sobre assuntos que não estejam tão óbvios ou acontecendo no exato momento, ou seja, além de não ter um tempo certo para finalizar as produções, também não se preocupa com a factualidade, apenas com a relevância do tema e a importância das questões que podem vir a serem levantadas com sua publicação, é um momento em que os jornalistas ficam mais à vontade para se entregar a produção e capturar diversas partes daquela essência, possibilitando a existência nos jornais do que Pena (2006) classifica como “visão ampla da sociedade”,

A quarta ponta fala sobre a importância do exercício da cidadania, de pensar de quais formas o tema poderia contribuir para a formação do cidadão após entrar em contato com a notícia, se aproximando também do que a sexta ponta dessa estrela quer evidenciar, se tornando até uma crítica de certa forma ao que pode ser exemplificado através do “Jornalismo Sensacionalista”. Tendo em vista que o sensacionalismo existe em função apenas de receber cliques e visualizações, a preocupação com a veracidade dos fatos ou em mudar o foco das personalidades e assuntos previsíveis do momento para algo que realmente importa não exis-

te. E a sexta ponta pede isso, pede essa troca e atenção aos deixados de lado, a vontade de proporcionar algum ensinamento ou conscientização, que de certa forma também induz ao cidadão o sentimento de cidadania.

A ética jornalística falha com alguns profissionais desde a popularização do jornalismo, até porque nada é exatamente perfeito e nenhuma profissão está isenta de erros. Porém, falhas e descaso com a comunicação que é repassada todos os dias ao público pode resultar em grandes transtornos. Sendo assim, o cuidado e apelo para uma mudança direcional no foco do jornalismo convencional é mais do que necessário, principalmente desde a popularização das mídias sociais, das quais vieram a ocasionar um aumento desenfreado de abordagens equivocadas em notícias, vazamento de informações, e duras críticas feitas na internet a todo momento, como se o mundo cibernético fosse uma terra sem lei, o que não é o caso.

Por outro lado, uma grande parcela da população passa a vida inteira sem que algo a seu respeito saia em nenhum meio de comunicação, nenhuma grande comemoração ou reconhecimento público dos feitos que realizou nesta existência é publicado, por menor que sejam. O Jornalismo Literário se encarrega de sanar o vazio de informações dos tidos “desconhecidos”, e é isso que a sexta ponta se encarrega de fazer, se desprende mais uma vez do jornalismo tradicional ao evitar os chamados “definidores primários”, que são aquelas figuras tidas como importantes e essenciais para boas pautas, infelizmente verdadeiras ou não, e volta os holofotes para as vozes anônimas, evidencia, a importância dos por muito tempo renegados e o papel que desempenham dentro do panorama social do país.

A quinta ponta faz o que o Jornalismo Literário tem como critério, que é romper com as barreiras do lead, ou pirâmide invertida, aquela que é o pilar do modelo objetivo do jornalismo. O jornalismo literário possui técnicas capazes de responder as mesmas perguntas pedidas no lead de “Quem” “Quando” “Como” de formas mais interessantes, ele entrega dados, sensações e informações, proporcionando ao leitor uma experiência muito mais imersiva do ocorrido, trazendo de forma segura uma maior relevância para o assunto.

A sétima e última fala sobre perenidade, onde Pena é conciso ao dizer que o objetivo é a permanência, critica as reportagens do cotidiano que com os mesmos moldes caem no esquecimento no dia seguinte, o Jornalista e Pesquisador quer dizer que uma reportagem escrita se atentando a uma realidade multifacetada e utilizando de técnicas que apenas a escrita é capaz de transcrever. pode resultar em um trabalho brilhante. O jornalista literário pode criar o diferente, ele possui o espaço tempo e permissão, fica submisso apenas da palavra que definirá se o que vai escrever ficará na memória ou não.

2.2 HAIA PINKASOVNA OU CLARICE LISPECTOR

Originária de Tchetchelnik, uma pequena cidade na Ucrânia, Haia Pinkhasovna, filha de Pinkous e Mania Lispector, desembarca ainda bebê em solo brasileiro acompanhada da família como refugiada de guerra em 1921. Desembarcaram em Maceió, e dois anos depois partiram para Recife, onde mudou de nome como o resto da família e ganhou um mais familiar ao português, para alguém que sempre soube que de alma nunca fora estrangeira, Clarice, de significado ilustre, parece ter sido o nome que nasceu para ter.

Com 12 anos enfrentava com a família a terceira mudança, desta vez para o Rio de Janeiro, onde a Clarice de quase 20 anos em busca de meios que pudessem dar visibilidade aos seus textos literários, conciliou a faculdade de direito com seu primeiro emprego como jornalista. Ao longo da vida, contabilizou mais de 40 anos de imprensa (Lispector, 2009, p. 16) e ainda assim é novidade para muitos que a escritora renomada contribuiu de forma tão rica para o Jornalismo no Brasil até os seus últimos dias de vida.

Conseguiu dar os primeiros passos na carreira como jornalista em 1940 quando começou a trabalhar na Agência Nacional do Brasil e no ²Jornal A noite. Com destinação e ousadia recorreu também aos editores das revistas da época, em especial a ³Pan e a ⁴Vamos ler. Foi na revista Pan que teve a publicação de sua primeira novela intitulada “Triunfo” e em Vamos Ler! conseguiu publicar desde textos de ficção, a reportagens e entrevistas, em 1942 ganhou o primeiro registro na carteira de trabalho como repórter no Jornal A noite, e finalmente em 1943 estreou para o mundo com o lançamento de seu primeiro livro “Perto do Coração Selvagem”. Mas foi apenas em ⁵“Senhor”, revista de muito prestígio na qual trabalhou entre 1959 e 1964, que Clarice tem a sua literatura popularizada e mais reconhecimento da imprensa. Naturalizou-se brasileira através de uma carta enviada a Getúlio Vargas e se casou com seu colega de faculdade Maury Gurgel.

Ainda em 1943, ganhou o prêmio de melhor romance do ano pela fundação Graça Aranha, e em 1961 o prêmio Jabuti de Literatura pelo livro “Laços de Família”, sendo o prêmio Jabuti reconhecido como uma das mais importantes premiações da literatura e possui categorias voltadas ao Jornalismo. Entre um dos nomes ganhadores está Eliane Brum, também escritora e jornalista brasileira que intercala em seu trabalho com convicção e domínio as fronteiras que separam literatura e jornalismo, no livro premiado de título “A vida que ninguém vê”, publicado em 2006.

Clarice carrega na bagagem aproximadamente 5 mil textos apenas para a imprensa feminina, escondida atrás de pseudônimos, escreveu para as mulheres do Brasil em nome de Ilka, Tereza e Helen (Lispector, 2009, p. 18). Em suas obras literárias, também é possível identificar as características da autora, que por muitas vezes são atribuídas as personagens do universo Clariceano. Macabéa, personagem principal de seu último romance intitulado “A hora da estrela”, faz parte do livro que pode ter sido o que mais exercitou a veia jornalística de Clarice, e Maca, a personagem que mais recebeu o íntimo de Lispector no final de sua vida.

A ficcionista sentia insegurança ao escrever para jornais, pontuou que nos jornais se sentia na obrigação de ser entendida pelo vasto público que se atualizava diariamente do mundo através daquelas páginas, e quando escrevia sua literatura não se preocupava com essa imposição, pois ficava a critério das pessoas a lerem ou não, como mesmo disse em “A descoberta do mundo”: “outro problema: num jornal nunca se pode esquecer o leitor, ao passo que no livro fala-se com maior liberdade, sem compromisso imediato com ninguém, ou mesmo sem compromisso nenhum” (Lispector, 1999, p. 487).

Era uma das únicas mulheres trabalhando em redações de jornal no País, de repórter à cronista, a romancista se aventurou em diversos âmbitos do Jornalismo, atuando até mesmo como entrevistadora. Os entrevistados vão de Lygia Fagundes Telles a Tom Jobim, e de todos os gêneros jornalísticos por onde circulou, o caráter imprevisto das entrevistas a seduzia (Lispector, 2012). Como jornalista, utilizava um tom único em tudo que se propunha a fazer, tom esse que se mostrava bem diferente dos modelos convencionais utilizados pelo jornalismo da época e até mesmo de agora, principalmente durante as entrevistas, cumpria o papel de entrevistar o personagem enquanto entregava também um pouco de si.

A iniciante jornalista não mantém distância em relação ao entrevistado. Clarice se coloca no texto, divide suas opiniões com o leitor e aborda assuntos de seu interesse. Não se preocupa com a linha editorial da publicação nem se neutraliza perante o en-

² Jornal A noite – Embrião do Jornal “O globo” circulou de 1911 a 1964.

³ Revista Pan – Circulou de 1935 a 1940.

⁴ Revista Vamos ler! – Circulou de Agosto de 1936 até meados dos anos 1940.

⁵ Revista Senhor- Circulou de 1959 até 1964.

trevistado. Incrível constatar que a técnica que utilizou para esta entrevista inaugural de sua vida de jornalista, na estrutura de perguntas e respostas com apresentação breve e subjetiva, permitindo que o leitor se informe sobre ela, Clarice, e sobre o entrevistado, será a mesma nas duas séries de entrevista para a Bloch Editores nas décadas de 1960 e 1970 (Lispector, 2012, p. 24-25).

Possui em sua coletânea obras literárias complexas como “Paixão segundo G.H”, que apresenta uma narrativa profunda, cheia de metáforas e questões existenciais que enquadram a obra em um espaço onde nem todos os leitores que chegarem a entrar em contato conseguirão compreendê-la. A literatura que implementa no país, parece ter sido algo no qual nunca havia sido feito antes, onde “Perto do Coração Selvagem” mesmo sendo a primeira obra de uma escritora desconhecida já rendia artigos e comentários de críticos como foi citado por Soares (2020). Críticos como Antônio Cândido famoso escritor e crítico literário, percebia Clarice Lispector como precursora de tendências literárias que só posteriormente ganhariam fôlego no Brasil.

Entretanto, quando retornamos para “A hora da estrela”, temos uma obra em que o público considera como um dos livros mais fáceis de serem lidos, mesmo contendo os fluxos de consciência e exposição de conflitos internos que já eram características das personagens clariceanas. Acredito que o fato dessa maior compreensão se deu pelo motivo de Clarice ter intercalado muito bem a arte literária a uma forma de narrativa bem descrita e contextualizada do jornalismo, fazendo quase que assim, Jornalismo Literário. Como uma pessoa que passou boa parte de sua infância no Nordeste, a escritora tinha familiaridade com as pessoas e costumes advindos dessa parte do País. Utilizando desses instintos e emergindo mais uma vez em um lugar que em algum momento já foi seu, a escritora entrega em 1977 “A hora da estrela” para o mundo.

Publicou o romance em outubro de 1977, morreu dois meses depois de um câncer de ovário, e puxando mais uma vez os desdobramentos e as experiências que perpassam autora e personagem, Carlos Alberto dos Santos (2012), professor de Literatura e doutor em letras vernáculas faz seus apontamentos sobre o livro ⁶“Em a hora da estrela encontramos a própria Clarice Lispector, deparamo-nos com seus males físicos e mentais retratando-se no seu término existencial, como pessoa empírica e criatura demiúrgica. Revelando-nos o amor pela literatura e a presença ameaçadora da morte”.

Clarice passou cerca de uns dois anos escrevendo essa narrativa, e de acordo com as datas, esse período foi por certo o mesmo momento em que lutava contra o câncer. Visto isso, teria ela despejado tanto de sua história em Macabéa devido ao medo mais profundo que todos aqueles que vivem da palavra carregam, segundo Felipe Pena, que é o medo de morrer? Quando a morte é rápida o tempo para se despedir e realizar algo que deseja é quase inexistente, mas quando se vai morrendo aos poucos, especialmente quando a principal função em vida é analisar questões psicológicas e todas as sensações e percepções que o mundo tem a oferecer para os seres humanos, a experiência é totalmente diferente.

A literatura, então, não ficaria de fora dos questionamentos e devaneios sobre esse momento tão forte e delicado, e isso fica presente especificamente no último trecho do livro logo após o adeus de Macabéa, a presença ameaçadora da morte pareceu entrar em cena também para Clarice, “Meu deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas eu também? (Lispector, 1977, p. 78).

2.3 O JORNALISMO LITERÁRIO EM “A HORA DA ESTRELA”

⁶ Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/3099>.

Clarice revelou pela primeira vez partes sobre essa obra em uma entrevista para o Programa Panorama da Tv Cultura, onde diz que estava trabalhando “em uma novelinha inspirada no ar perdido do nordestino no Rio de Janeiro, e que sua personagem é tão pobre que só come cachorro-quente”, ao ser questionada sobre o nome da personagem e o título que levaria a narrativa, a autora escolheu não responder. Disse que o livro tinha treze títulos. E realmente tinha. Entre eles A hora da estrela. Hoje sabemos que se trata de “A hora da estrela” e que o nome de sua protagonista é Macabéa. Órfã, Macabéa é a moça de apenas 19 anos que chega ao Rio de Janeiro para trabalhar como datilógrafa enquanto sobrevive de cachorro-quente e Coca-Cola.

O narrador, apresentado na história como Rodrigo S.M, figura que se mostra claramente uma extensão da própria Clarice, confirmando de início ao justificar que um dos embasamentos que possui para retratar a história da moça Alagoana, é o fato de ter sido um menino criado no Nordeste. Ele introduz Macabéa retratando a pobreza que a personagem possui, indo além de condições socioeconômicas, e podendo se considerar até uma pobreza de alma, sabia ler e escrever muito pouco, a ponto de ter que apontar letra por letra na datilografia e mesmo assim ainda não entregava um bom trabalho. O conhecimento da moça não apenas no mundo das letras, mas sobre a vida em todos os âmbitos, era muito limitado.

Dispondo da ficcionalização, a escritora por intermédio da humanização, uma das características vitais do Jornalismo Literário de acordo com Pereira (2009), concebe na obra situações e diálogos internos sobre a personagem, e ao tentar narrar o real traz desde as virtudes até as imperfeições presentes na Alagoana, abrindo espaço para comparar também no enredo as semelhanças existentes com as características do subgênero do Jornalismo Literário, nomeado de Ficção Jornalística.

Para Pena (2006), a ficção jornalística não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para a narrativa. Quem seria Macabéa se não uma dentre tantas outras nordestinas vítimas do êxodo rural para grandes metrópoles em busca de emprego para sobreviver. Explorar a feira de nordestinos e tirar dela o suporte para a sua narrativa não quer dizer que a própria personagem exista na realidade, mas que atua como um espelho de uma situação que é presente no País até os dias de hoje, logo, de certa forma existe, como o próprio narrador diz “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares dela.” (Lispector, 1977, p. 11).

Conciliar duas profissões que trabalham com a escrita pode ser um trabalho árduo, em uma profissão onde o ofício principal é contar, provavelmente possuirão momentos em que o pessoal mesmo escondido de forma meticulosa não deixa de escapar para as páginas. A imersão de Lispector fazendo Jornalismo ou Ficção se assemelha ao aprofundamento e proximidade necessária do autor de Jornalismo Literário para com os seus personagens. Assim como Gabriel Garcia Márquez (Silva, 2013) reitera em seu discurso ao ganhar o prêmio Nobel de Literatura em 1982 pelo livro “Cem anos de Solidão”: “Uma realidade não de papel, mas que vive dentro de nós e determina cada instante de nossas incontáveis mortes de todos os dias, e que nutre uma fonte de criatividade insaciável, cheia de tristeza e beleza, da qual este errante e nostálgico colombiano não passa de mais um, escolhido pelo acaso”.

Discurso este potente e bastante aclamado ao longo dos anos, que fala por si só e deixa evidentes os motivos que levaram o escritor ao prêmio. Dentre eles, estão a força e a sensibilidade da temática, nutrida pela realidade e que, mesmo se tratando de um realismo mágico, confere a obra a densidade social e emocional típica do jornalismo literário. Gabriel conta a história da perspectiva de alguém que a viveu; como Colombiano que é, transformou suas vivências em uma imersão afetiva e narrativa, fala como alguém que não apenas imergiu em uma realidade, mas também emergiu dela, assim como Clarice, de um lugar que também foi seu.

Clarice passou os primeiros anos da vida no Recife, e criou uma personagem que se fosse fruto do real seria sua conterrânea. A menina nomeada Macabéa, órfã e vítima da marginalização, é assim como foi a ficcionista um dia, uma Nordestina se adequando a dura realidade do Rio de Janeiro. Edvaldo Pereira (2009) comenta sobre essas verossimilhanças existentes no Jornalismo Literário entre autor e personagem, diz que “sua identidade vacila entre o mundo real e a narrativa imaginária”, e em “A hora da Estrela” não apenas a identidade do gênero vacila e nos dá abertura para enquadrá-lo em outros subgêneros e classificações, mas a da romancista também.

A escolha da personagem principal é o primeiro sinal de que a obra possui uma finalidade social e casa com a sexta e a terceira ponta da estrela de Felipe Pena, na qual pretende evitar os chamados definidores primários, aqueles que como mencionado anteriormente, sempre são os escolhidos para a produção de notícias, diferente da maioria da população desconhecida, que só ganha uma nota no jornal muitas vezes com a morte como protagonista.

Assim como em “Poema tirado de uma notícia de Jornal” de Manuel Bandeira (2016), temos João Gostoso, carregador da feira livre, figura central da notícia, e morador de um barraco sem número, representando alguém que existe sem identificação social. Em “A hora da estrela” encontramos Macabéa, pobre, órfã e nordestina, igualmente invisível aos olhos da sociedade. Tal como João ela vive à sombra e tem seus anseios, suas dúvidas e desejos trabalhados até os últimos minutos que antecedem o seu fim. O exercício da cidadania, também é estimulado ao longo do romance, mesmo que a forma utilizada pelo narrador para contar e descrever a personagem utilize de adjetivações rígidas, o leitor ainda é instigado a perceber as Macabéas que vagam por aí a fora.

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza (Lispector, 1977, p. 17).

Rodrigo S. M. ao obter domínio total da palavra, se mostra quase como um jornalista literário, que busca a melhor forma de apresentar a história da personagem sem deixar de mencionar todas as suas facetas. Adquire maior familiaridade ao decorrer da obra e se encarrega da humanização de Macabéa de uma forma que Pena chamaria de nova estratégia profissional, ele a humaniza mostrando que é uma pessoa real, com necessidades e preferências, que gosta de ir ao cinema aos domingos, de pintar as unhas de vermelho escarlate e passear no metrô, mas tudo isso com características e uma adjetivação cruel como “tola” “inócua” “que não faz falta a ninguém”. A escolha dessa narrativa pode se apresentar como uma forma inquietada de descrever a nordestina, como se fosse tão insignificante que chega a ser até patético falar sobre ela já que não tem importância, e é assim que ela representa os marginalizados invisíveis, embora insignificante é digna de ser contada por simplesmente existir em um mundo contra ela. Porém, nem todos pensam dessa forma, e a crítica disfarçada de humanização implementa apenas a forma como boa parte da sociedade vê e se sente em relação aos mais pobres.

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida que a moça (Lispector, 1977, p. 23).

Através da ambientação dos personagens que se aproximam da protagonista, também é possível observar a visão ampla da sociedade que a obra traz. Um exemplo é Olímpico de Jesus, namorado de Macabéa, cuja relação com a Alagoana retrata uma realidade em comum, são duas pessoas pobres, vindas de lugares diferentes do Nordeste, mas que possuem quase os

mesmos ideais. A obra nos permite compreender quem olímpico é graças aos elementos que ajudam a contextualizar melhor o personagem dentro daquele espaço como afirma Edvaldo Pereira (2009), e a contextualização da sua trajetória acaba explicando, por exemplo, o seu desejo de pertencimento. Desejo esse que o faz trocar Macabéa por sua colega de emprego Glória, que, diferente da nordestina é apresentada como a funcionária que possuía um cargo superior, que vinha de uma família bem estruturada, e como ela mesma afirma no livro, era uma “carioca da gema”, tudo que Olímpica via como essencial para preencher o vazio presente de tudo que não teve durante a infância.

A semelhança entre autor e Personagem antes mencionada por Edvaldo Pereira (2009) como essencial para uma obra, é detalhada no posfácio do livro por um dos filhos de Clarice, Paulo Gurgel, que seguindo os passos da mãe também é literato. É através das contribuições que ele faz que se percebe ainda mais como a obra e a escritora estão entrelaçadas, e como Clarice quis associar grande parte de sua própria história a essa narrativa. A escritora possui ascendência Judaica, e Macabéa como é explicado no final do livro é um nome sonoro que remete ao nordeste brasileiro, mas nos leva também a origem dos guerreiros judeus rebeldes, a família Lispector era judia, e a filha junta as duas partes de seu mundo, do Nordeste a Israel “A hora da estrela” que em ligação com a estrela de Davi, só se diferencia da de Pena por ter apenas seis pontas.

O estrangeiro rico, possivelmente alemão, e dono do “enorme como um transatlântico” Mercedes – o carro do chanceler do terceiro Reich – que atropela Macabéa judaica do Sertão, três décadas depois, num holocausto no Rio de Janeiro. Aí a ficção novamente em torno da vivência real (Lispector, 1977, p. 87).

A cartomante que faz as previsões mirabolantes momentos antes do trágico fim de Macabéa, no livro nomeada como dona Carlota, na verdade seria Dona Nair, cartomante que Clarice frequentara no Méier durante o período em que escrevia o livro, que inclusive também entra na entrevista ao Programa Panorama já mencionado anteriormente, dessa vez a escritora diz que seria engraçado se após sair de uma sessão com a cartomante onde só escutou coisas boas um táxi a pegasse na rua e ela morresse, exatamente o que acontece com a Alagoana ao fim da história, construída quase que fielmente as vivências da ficcionista.

Prestes a finalizar suas concepções sobre a estrela de sete pontas, Pena escolhe como última característica a perenidade, “Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos”. “A hora da Estrela” cumpre esse papel com maestria, lançado exatamente há 47 anos, a obra traz questões que ainda se fazem presentes na contemporaneidade, e apresenta uma personagem que se tornou o que a própria Alagoana imaginava ser, imortal.

“Apesar da morte da tia tinha certeza de que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer” (Lispector, 1977, p. 26), e se levado em consideração o fato de que o êxodo rural de cidades interioranas para grandes metrópoles ainda acontece de forma numerosa, e os avanços do capitalismo cada vez mais aumentam a precarização da qualidade de vida de muitas jovens de 19 anos que ainda vão ao cinema uma vez por mês para se divertir, pintam as unhas de vermelho escarlate, e nutrem um vício por Coca-Cola, Macabéa realmente não morreu. Assim como Clarice, que exerce influência em diversos campos de estudo mesmo não estando fisicamente presente há muitos anos, através das obras, da literatura e do jornalismo, a ficcionista vive de alguma forma, parafraseando a em “Aprendendo a viver” e deixando um recado para os leitores deste artigo “De um modo as pessoas são eternas, quem me lê também” (Lispector, 2004, p. 92).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo Literário, como foi visto, vem se aprimorando ao longo dos anos em uma tentativa de noticiar com mais cuidado e humanidade o que acontece pelo mundo à fora, especialmente aquilo que permanece escondido e banalizado mesmo fazendo parte do nosso cotidiano. Tendo em vista que o jornalismo surgiu se contando histórias e repassando conversas que agregavam algum valor, fosse para revelar ou descobrir o novo, é inegável que em sua essência, ele operava como uma forma afetiva de troca e construção de vínculos.

Algo que podemos compartilhar com amigos e pessoas do nosso meio, aquilo que temos o prazer de ouvir a fundo e contribuir de alguma forma. E o jornalismo literário faz exatamente isso, mergulha nas matérias com os desconhecidos, e se aprofunda nas histórias de pessoas que atuam todos os dias nos bastidores, que somos nós, o simples, para mostrar que o cotidiano também pode ser sim extraordinário.

Clarice Lispector foi uma mulher marcada por mudanças constantes até os últimos anos de vida, em seu último romance escolheu retratar com propriedade, o povo de uma região do Brasil já há alguns anos marcada por essa realidade da migração: os nordestinos. Como dito anteriormente, esse êxodo rural ainda é uma questão atual, e os motivos continuam quase os mesmos, a falta de emprego e busca de uma qualidade um pouco melhor de vida, o que nos dias atuais já é mais difícil. A história de Macabéa soa para mim logo de início como algo familiar, pois acredito que todos os nordestinos possuem pelo menos uma pessoa na família que saiu de casa para tentar a sorte em outro estado.

Quando não são homens em sua maioria, são mulheres geralmente acompanhadas ou sob a promessa de receber abrigo de outro familiar que já mora no local. No livro logo somos apresentados a esse ponto trágico da história, sem promessa nenhuma, Macabéa migra sozinha. Órfã que tinha apenas uma opção: acreditar em tudo e em todos. Foi heroína apenas por existir, existir e incomodar por representar um grupo social que vive à margem, com tudo contra e ainda assim resistindo, talvez ela tenha incomodado até quem leu, justamente por provocar essas reflexões.

A Alagoana lembra personagens como João gostoso, do “Poema tirado de notícia de jornal” de Manoel Bandeira, João, marginalizado e morador de um barraco que nem número tem, é invisível assim como ela. Ambos só tiveram seu grande momento de reconhecimento na hora da morte, que por coincidência foram momentos que ambos estavam felizes ou apenas desopilando. E talvez há quem ainda tenha achado bem feito que os dois morreram durante esse momento, como se pobre relaxar fosse um crime.

Assim como buscar pelo melhor, e por uma identidade, o que é quase inaceitável. Olímpico que na história já tinha aprendido como as coisas funcionavam, debochava do sonho de Macabéa uma vez confessado para ele, que era o de ser artista de cinema, pois segundo ele era distante demais para mulheres como ela. E para quem nasce pobre talvez a única saída para vencer na vida fosse a política, que era o que Olímpico tanto almejava. “A hora da estrela” é uma grande fronteira entre ficção e realidade, é o retrato fiel de um mundo bruto e real.

Retrato esse narrado por alguém que sente a necessidade de contar a história da Alagoana, quase como um apelo. Ele não quer apenas relatar os fatos, mas mostrar uma realidade vivida por tantas outras jovens como ela. É um tipo de repórter que vai além da notícia, traz à tona a alma da personagem e da escritora, misturando verdade e ficção. É um repórter literário, que escreve com riqueza de detalhes e observações quase que jornalísticas, nos levando a uma grande imersão ao cenário central onde se passa a história, que é o Rio de Janeiro. Além disso, desenvolve bem os personagens, algo que é indispensável no jornalismo literário. Mas acima de tudo assume um compromisso maior, que é o de revelar essas histórias que acontecem e estão acontecendo todos os dias em todos os lugares do mundo. Seu objetivo é instigar

a sociedade a ter um pouco mais de cidadania como propõe a quarta ponta da estrela de Pena. No fundo é um apelo simples: tornar o mundo um lugar um pouco mais habitável.

Clarice não gostava rótulos, dizia não se considerar literata nem escritora porque só escreveu quando quis, e quanto ao lado do Jornalismo, acredito ter sido mais um meio de subsistência e uma forma de publicar os seus textos assim como os outros escritores da época, mesmo que posteriormente possa ter se encantado pela profissão. Dessa forma, Lispector não fazia o jornalismo convencional da época, e na literatura não seguia bem um gênero, deixando essas lacunas, que talvez sejam o motivo de suas obras abrirem tanto espaço para análise e comparação com outros gêneros. Ela se importava unicamente com a escrita, sem ter uma definição ou modelo a ser seguido, o compromisso era apenas com a literatura, que por já possuir métodos e técnicas narrativas do jornalismo por natureza, constrói um tipo de hibridismo que faz da obra uma grande contribuição tanto para a literatura como agora para o Jornalismo Literário.

A forma com que o romance de 1977 se encaixa as características do Jornalismo Literário é interessante de se analisar, já que pelo ano de lançamento do livro por certo essas particularidades do gênero ainda não eram nem discutidas, é curioso observar também como a ficcionista intercala entre essas duas vertentes, em como são finas as barreiras que dividem Jornalismo de Literatura, ao ponto de fomentar cada vez mais essa tensão existente justamente porque se alimentam um do outro desde que as histórias começaram a surgir, fazendo da missão de tentar separá-los um pouco falha.

O trabalho é repleto de estrelas, Macabéa a estrela advinda de um estado que tem tanto em comum com o judaísmo como o nome que carrega. Ela, que sonhava em ser artista de cinema e morre atropelada por um carro cujo emblema da marca é uma estrela, enquanto está inserida em um contexto judaico onde o maior símbolo da religião é a estrela de Davi que conta com seis pontas, e por último, participa da análise de um trabalho construído em cima da estrela Felipe Pena, com sete pontas. Como se fosse algo encaixado, algo que era para ser, as semelhanças transformam a pesquisa em um material de observação, e convida os leitores a pensarem também quão profundas são as semelhanças entre autora e protagonista, e as ocasionalidades que seguiram Clarice durante sua vida, de que forma elas intercalam e trazem o ficcional para o mundo real e vice-versa, e até mesmo como podem se encaixar em outras perspectivas.

E é dessa forma que este trabalho contribui, com foco principal em buscar pontos de aproximação entre um romance e o jornalismo literário, além de reafirmar como a Literatura sempre foi pioneira e comprometida em evidenciar tudo o que vivemos. O estudo também instiga novas possibilidades de análise para as diversas obras que temos nesse país tão rico em literatura. A obra em questão possui um grande valor literário, sobretudo como crítica social. Autores como Clarice, Gabriel García Márquez e tantos outros, mostram que a literatura não se resume apenas a técnica, ou a busca constante por se encaixar em gênero, mas que é feita, principalmente, de experiências humanas. O uso de elementos literários enriquece a narrativa e atrai mais atenção, mas o essencial ainda é revelar aquilo que merece ser visto como estrela.

REFERÊNCIAS

- ABEL, C. A. dos S. Macabéa: A hora da estrela. **Polêm!ca**, v. 11, n. 2, p. 268–280, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/3099>. Acesso em: 15 out. 2024.
- BANDEIRA, M. Poema tirado de uma notícia de jornal. In: WP UFPEL EDU. Pelotas, 2 abr. 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulasmm/2016/04/02/poema-tirado-de-uma-noticia-de-jornal-manuel-bandeira/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

CASTRO, G. **Jornalismo literário**: uma introdução. Brasília: Casa das Musas, 2010.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LISPECTOR, C. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LISPECTOR, C.; CASTELLO, J. **Clarice na cabeceira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LISPECTOR, C. **Panorama com Clarice Lispector**. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal TV Cultura. Disponível em: <https://youtu.be/sVDNMMrk3lc>. Acesso em: 12 out. 2024.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, E. L. **Páginas ampliadas**. São Paulo: Manole, 2009.

SILVA, R. S. Discurso Gabriel García Márquez ao receber o Nobel de Literatura (1982). In: CAFÉ COM SOCIOLOGIA. Piauí, 1 out. 2013. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/discurso-gabriel-garcia-marquez-ao/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

SOARES, M. I de C. Aspectos da Clarice Lispector jornalista. **FronteiraZ**, n. 24, p. 182–198, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/43436>. Acesso em: 15 out. 2024.

AGRADECIMENTOS

Começar os agradecimentos agradecendo a Deus poderia ser muito clichê já que quase todo mundo faz isso, mas não tenho como iniciar de outra forma. Para alguém que sofre com as tempestades da mente viver feliz e estável já representa um milagre na vida, e foi nessa paz e por ela que aqui agradeço ao divino. O caminho percorrido durante a graduação foi cheio desses altos e baixos assim como todas as coisas que nos propomos a fazer na vida, mas sem algumas pessoas em específico, concluir este curso não teria sido possível.

No topo da lista se encontra a minha mãe **Maria Lidiane de Sousa**, que desde o momento que respirei o primeiro ar do mundo não mediu esforços para conseguir me proporcionar a melhor vida que eu pudesse ter, é alguém que acredita e comemora qualquer mínima conquista minha mais do que eu, sempre me encorajou e fez o papel de super heroína, trazendo luz aos meus dias e me mostrando que todos; exatamente todos os demônios da mente são aniquiláveis e sempre existirão outros dias, se hoje concluo a graduação grande parte do mérito também é dela.

Ao meu pai, **Antonio Flávio da Silva**, que nunca mediu esforços para me proporcionar a melhor educação que eu pudesse ter. Também foi aluno da Universidade Estadual da Paraíba, mas não conseguiu dar continuidade ao curso devido a adversidades da vida, esse trabalho também é seu, alguns anos depois, mas é seu.

Aos meus avós, **Maria de Lourdes de Sousa e Severino Francisco de Sousa**, os quais considero meus segundos pais por terem me criado não como neta mas como filha, por me acolherem me aconselharem e sempre estarem por perto, como também **Cícera Maria de Sousa (in memoriam)**, a qual foi um dos seres humanos mais bondosos e gentis que a vida me permitiu ter conhecido, me observava de sua cadeirinha todos os dias no ponto de ônibus, e um dia me confessou em entrevista que um dos seus maiores sonhos era ter estudado, con-

cluo esse curso por nós, sempre cuidando da forma que podia, hoje tenho certeza que do céu, ou algum plano espiritual que residem os bondosos sua alma descansa em paz.

Aos meus amigos que eram o respiro quando tudo ao meu redor parecia desmoronar, **Mirelly, Thaylane, Kainã**, digo que com vocês tive a primeira experiência do seria uma amizade verdadeira, a força da qual vocês sempre me passaram nunca será esquecida. Aos amigos que fiz durante a graduação, não gosto de imaginar como teriam sido esses quatro anos sem o apoio, o cuidado, e a amizade de vocês, **Lucas, Ângela, e Cleiton**, vocês terão para sempre o meu carinho, obrigada por tantas noites e por tudo.

Eu e todos que vieram antes de mim, todos que fazem a sombra que me permite a caminhada, qualquer coisa que eu consiga ou qualquer lugar que eu chegue, até mesmo que esse lugar seja nenhum, é um pouco deles também.